

# ESTARÁ A CULTURA *LIGHT* DEFINITIVAMENTE INSTALADA NO SISTEMA OU APENAS DE PASSAGEM?

por

Dulce Matos\*

**Resumo:** O passado e, particularmente, o presente revelam-nos uma cultura *light* – fruto do retrocesso do saber e da ditadura do mercado – parecendo querer impor-se à cultura reflexiva e crítica. Mas o futuro, graças ao imaginário riquíssimo do povo português (segundo Natália Correia e Eduardo Lourenço), aliado à sua inteligência e sensibilidade revelar-nos-á outro tipo de interesses como os baseados no esoterismo e na análise de fenómenos religiosos que tanta procura têm tido recentemente entre os mais diversos públicos.

**Palavras-chave:** Cultura; literatura; identidade.

**Abstract:** Past, and quite particularly, present times disclose a *light* culture – a produce of the in-reverse knowledge and of the market dictatorship – that seems to want to impose itself to the reflexive and critical culture. However, future, thanks to the Portuguese' extremely rich legacy and imagery (as stressed by Natália Correia and Eduardo Lourenço), linked to its own intelligence and sensibility, will disclose a different kind of interests, such as those inspired by esotericism and the analysis of religious phenomena, which, in most recent times, have already started to be keenly sought by a wide variety of audiences.

**Key-words:** Culture; literature; identity.

O passado e, particularmente, o presente revelam-nos uma cultura *light* – fruto do retrocesso do saber e da ditadura do mercado – parecendo querer impor-se à cultura reflexiva e crítica.

Mas o futuro, graças ao imaginário riquíssimo do povo português (segundo Natália Correia e Eduardo Lourenço), aliado à sua inteligência e sensibilidade revelar-nos-á outro tipo de interesses como os baseados no esoterismo e na análise de fenómenos religiosos que tanta procura têm tido recentemente entre os mais diversos públicos.

---

\* Palestrante, divulgadora cultural, professora universitária reformada.

Será interessante deter-nos por um momento nos diversos conceitos que têm assistido ao que se denomina por literatura ou, num âmbito mais generalizado, por cultura e verificar que, sob as eternas dicotomias de Boa ou Má, Rica ou Pobre, Académica ou Popular, encontramos ainda “corolários” como o saber livresco, a paraliteratura, a sub-literatura, e uma miríade de interpretações ao sabor dos preconceitos vigentes. Por exemplo, quando falamos de uma cultura e de uma literatura popular, pretendemos afirmar que se dirige ao povo? que veicula uma temática que interessa ao povo? que é produzida pelo povo? que, simplesmente, agrada ao povo? ou que se difunde amplamente? E se é popular, pretende-se com o termo afirmar que é *light*? Obviamente que aqui nos deparamos com outros pormenores de interpretação, por quanto por ‘povo’ podemos querer referir-nos a um conjunto de população, ou à chamada classe trabalhadora, ou a gente simples e nas orlas da iliteracia.

Num passado ‘remoto’ será que já poderíamos considerar literatura *light* o romance folhetim surgido em França no séc. XIX, com assinalável êxito entre 1836 e 1850 e cultivado por Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas (pai e filho), Alfredo de Musset, George Sand, etc., além do mais famoso de todos – Eugène Sue?

E num passado próximo, os romances da colecção azul de Max du Veuzit (como John, chauffeur russo) e os da Biblioteca das Raparigas?

E em Portugal a revista Modas e Bordados, que teve como directora uma das mais destacadas mulheres do séc. XX, Maria Lamas, logo seguida de outra não menos notável pela sua intervenção socio-política, Etelvina Lopes de Almeida, também já apresentava um folhetim A quem Deus promete (tão apreciado e considerado por quem a lia que, por exemplo, o exemplar que guardo na minha estante de literatura infanto-juvenil, foi cuidada e amorosamente encadernado por uma prima)?

No momento presente, pareceu-me oportuno recolher algumas opiniões junto de um grupo de alunos de um Curso Livre dedicado à terceira (à melhor, como diriam os nossos amigos brasileiros) idade. O grupo reúne pessoas com habilitações literárias de nível superior, e, portanto, o perfil poderá definir-se como indivíduo de mais de 55 anos e com formação universitária. Perguntei qual, segundo a sua perspectiva, a razão do sucesso da literatura *light*. A compilação das respostas indica que esse sucesso advém de:

- uma deficiente base cultural do leitor dos nossos dias (a que não é alheira a degradação do ensino, reflectida no saber e no conhecimento);
- a nítida aversão a tudo o que é polémico ou controverso, a tudo o que faz pensar;
- a falta de tempo para se dedicar a uma leitura séria que exige reflexão e espírito crítico;

- a necessidade de fuga, de evasão perante os problemas do quotidiano, da família, do país e do mundo;
- a ausência de uma certa sensibilidade, na 'praga' televisiva, etc.

A perguntas mais directas, alguns disseram que Paulo Coelho 'é para ser lido deitado numa rede, numa bela tarde de Verão'; e outros que Margarida Rebelo Pinto teve o efeito de vacina apenas com a leitura de um dos seus livros.

Consideram que o esoterismo e a magia combinados com a forma como explora o sentimentalismo dos leitores terá sido e continua a ser a chave dos *best-sellers* de Paulo Coelho, assim como a superficialidade temática e a 'leveza' dos romances de Margarida Rebelo Pinto, justificam a sua estrada fulgurante na lista dos mais vendidos.

Na faixa etária consultada, é óbvia a preferência pelos escritores clássicos, com uma nostalgia pelo romance tradicional com todas as suas descrições de paisagens, viagens, etc., e pelos géneros do romance histórico, do romance policial e da biografia. Acrescentam, no entanto, que hoje, a evolução tecnológica e científica trouxe facilidades generalizadas – as pessoas não têm a necessidade de ler sobre um local longínquo: viajam até lá; não têm a necessidade de ler sobre determinado facto histórico: vêm o filme, compram o vídeo; não têm a necessidade de ler uma biografia, na forma tradicional: vão a dois ou três *sites* na *net*. Por outro lado, a proliferação de revistas que vendem o 'glamour' e o lascismo pedagógico da programação televisiva fomentam o gosto pela superficialidade e pelo facilitismo. E, ainda, como alguns assinalaram, o recurso à chamada literatura *light*, é quase como o cumprimento de um prazer apetecido na adolescência, em que a rigidez paterna frequentemente proibia o acesso a obras mais ligeiras. Seja qual for a razão que assista, o facto é que, curiosamente, a grande maioria dos inquiridos tinha, na realidade, lido esses livros.

Continuando no presente, olhemos, por exemplo, para todo o fenómeno que tem rodeado 'O Código da Vinci', de Dan Brown. Olhemos para os inúmeros comentários, análises e decifrações que este livro tem vindo a suscitar com inegável sucesso, como se tivesse sido a semente de toda uma indústria própria dentro do sector editorial. O chamamento do mágico, do misterioso, o apelo de um desconhecido maior e melhor e – principalmente – talvez alcançável materializa-se nessa fome por respostas que, à boa maneira *light* desta fase dos nossos tempos, não acartem grande esforço, mas, antes pelo contrário, sejam instantâneas, prontas-a-consumir, numa espécie de 'soteriologia liofilizada' e que, para além disso, adicionem à componente de lazer a desculpabilização da inutilidade. É isto, como todos sabemos, atravessa diagonalmente a sociedade. Por exemplo, aqui em Portugal, pessoas de saber inequívoco, têm organizado cursos livres com base neste referido 'Código da Vinci' e estes cursos têm visto duplicar o número dos inscritos ao longo das suas sessões, o que,

como também todos sabemos, é a inversão do processo habitual dos cursos livres. Mais uma vez convirá sublinhar o facto de que os participantes destes cursos são de grande heterogeneidade em termos etários e, mais uma vez, na sua significativa maioria, de formação académica superior.

Não estamos pois, perante um fenómeno de impacto restrito, facilmente justificável pela menor capacidade intelectual dos seus protagonistas. Pelo contrário, estaremos, na minha opinião, perante uma cada vez mais amplamente sentida necessidade de combater, sem sabermos muito bem como, a asfixia de valores, consequência de toda esta aceleração, por nós próprios provocada, que nos deixa sós, infelizes e inseguros em busca de uma qualquer panaceia milagrosa que nos re-impulsione para o nosso encontro em nós mesmos.

Posto isto e feita a análise crítica, passemos às sugestões para lutar contra este tipo de cultura que nos invade avassaladoramente e que já nos foram delineadas pelo nosso Agostinho da Silva, e também pela Natália Correia e pelo Eduardo Lourenço: ocupemo-nos saudavelmente com a busca da identidade, a busca das raízes, a valorização do património cultural, acompanhada da respectiva tomada de consciência; exploremos construtivamente a inter-acção Estado/sociedade civil e coloquemos em prática o espírito do associativismo. Demos as mãos e conseguiremos a abolição desta ditadura pós-moderna, porque da mesma forma que a concebemos, gerámos e criamos, temos, em cada um de nós, o poder de derrubá-la, de transformá-la, através da realização da nossa própria consciência.

Isto é: cada um de nós tem de ser – deve ser – um agente cultural.